

031

CORPO, FANTASIA E SIGNIFICADO: CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA PARA OS ESTUDOS COM CRIANÇAS PEQUENAS. *Vitor Simonis Richter, Ondina Maria Fachel Leal (orient.)* (UFRGS).

Estudar a infância desde a perspectiva das ciências sociais contribui tanto para entendermos as especificidades das múltiplas culturas e experiências da(s) infância(s) quanto para compreendermos que a experiência não se constrói de forma estanque em suas etapas: a construção da singularidade no coletivo é um processo histórico de experiências culturais que vão nos transformando constantemente. Contra a naturalização das crianças como imaturas e incapazes, doces e ingênuas em suas "falhas" em relação ao comportamento adulto, o objetivo é destacar a infância em suas condições concretas de existência, social, cultural e historicamente delineada. A pesquisa etnográfica em andamento com treze crianças de cinco anos do Jardim B.da Creche da UFRGS parte do pressuposto de que as crianças são atores sociais plenos com capacidade de agência (COHN 2005; CORSARO 2003, 2005). O estudo busca a compreensão de como o corpo se torna sujeito das relações e significações que as crianças elaboram sobre seu mundo. Merleau-Ponty (1999) contribui para a discussão sobre o corpo ao negá-lo como coisa ou idéia para afirmá-lo como movimento, sensibilidade e expressão criadora que dimensiona a consciência através do conhecimento perceptivo possibilitado pelo movimento. O importante a reter é que o corpo revela o sujeito que percebe assim como o mundo percebido. Esta comunicação aponta como resultado parcial a necessidade da reflexão antropológica sobre o corpo para entender as lógicas particulares das crianças de interpretação do mundo compartilhado com os adultos. O que a antropologia da criança tenta afirmar é que a experiência das crianças é diferente, pois têm autonomia cultural em relação ao adulto em seu poder de elaborar significações sobre um universo comum. Juntamente com os sentidos dos adultos, a brincadeira, a fantasia e a constante descoberta-invenção do mundo e do outro, as crianças operam uma (re)significação particular do seu entorno.